

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

(Dis)remembering by gestures OR The little girl...

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n84p59-82>

ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE¹

RESUMO: Como pode uma menina ainda esquecida (se) des-lembrar numa escrita a ser apresentada como memorial na banca de promoção de carreira para professora plena na Universidade Estadual de Feira de Santana em 2019? De São Paulo à Bahia e(m) pesquisas, nos últimos 12 anos, a proporcionarem uma multiplicação de sentidos *atra-versando* imagens, focadamente fotografias, borrando a fixidez da apresentação, do registro e da veracidade de uma política da representação através de vivências de um cotidiano. Explorações e invenções de *deslugares* a partir do conceito de signo e diagrama, junto a Gilles Deleuze, às ruas, aos grafites, às expressões, às sensações, aos gestos mínimos. Com forte ênfase após o retorno do pós-doutorado na Universidade do Porto, mulheres me habitam (des)estabilizando e esvaziando as unidades do *si/self*, enquanto espalho (a mim, as aulas, as escritas e(m) pesquisas) por outros conceitos e metodologias que remexem estudos principalmente focados na cartografia e nas questões interseccionais atreladas às questões de gênero e etnias.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens; filosofia da diferença; educação.

ABSTRACT: How can a girl (dis)remember her(self) in a text when she is still forgotten? A text to be shown as a memorial for a panel regarding the professor career at the State University of Feira de Santana in 2019. From São Paulo to Bahia in researching, over the

1. Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia – Brasil.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

last 12 years, to render multiplication of meanings through images, especially photographs, blurring the fixity of the display, registration and veracity of a policy of representation through the everyday experiences. Explorations and inventions of places with the Deleuze's concept of sign and diagram, along the streets, graffiti, expressions, sensations, minimal gestures. And, after the returning from a postdoctoral period at the University of Porto, with a strong emphasis in the women that inhabit me (de)stabilizing and emptying the units of the self, while I spread (to me, to classes, writings and (in) research) to others concepts and methodologies that rummage through studies, mainly focused on cartography and intersectional issues linked to gender and ethnic issues.

KEYWORDS: Images; philosophy of difference; education.



Figura 1 – Quadrinhos de autoria de Moon e Bá

Fonte: Disponível em: <http://fi.uol.com.br/folha/cartum/imagens/15163422.jpeg>

O gesto não revelou absolutamente uma essência da senhora, ou melhor, deveríamos dizer que a senhora me revelou o encanto de um gesto. Pois não podemos considerar um gesto nem como a propriedade de um indivíduo, nem como sua criação (ninguém tem condições de criar um gesto próprio, inteiramente original e pertencente só a si), nem mesmo como seu instrumento; o contrário é verdadeiro: são os gestos que se servem de nós; somos seus instrumentos, suas marionetes, suas encarnações.

Milan Kundera, *A imortalidade*

Funes discernia continuamente os avanços tranquilos da corrupção, das cáries, da fadiga. Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intolerantemente preciso. Babilônia, Londres e Nova York têm preenchido com feroz esplendor a imaginação dos homens; ninguém, em suas torres populosas ou em suas avenidas urgentes, sentira o calor e a pressão de uma realidade tão infatigável como a que dia e noite convergia sobre o infeliz Ireneo, em seu pobre subúrbio sulamericano. Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas na cama, na sombra, figurava a si mesmo cada rachadura e cada moldura das casas distintas que o rodeavam.

Jorge Luis Borges, *Funes, o Memorioso*

Ainda uma menina. Ainda mortal. Como pode uma menina ainda esquecida (se) des-lembrar numa escrita pretendida memoriada?² Talvez uma menina quebrada em sub-versão. Versos enormes, praticamente um versão mesmo. Verão baiano. Outra versão? Ah! Outra visão. Não! *Desvisão*. “Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado (BARROS, 2013, p. 450)”. A partícula *des* invade e aqui (do lugar que preciso sair?) (se) instala e inala os odores da escrita que quer também sair do *lugar imensamente*. “Tempo da escrita: desmemoriada, enlouquece; inadequada, embrutece; visceralmente arrebatada, transforma-se em música e com ela se entenece. Sobrevive imaginando-se letra e som” (AMORIM, 2015, p. 13).

PRETA, PRETA, PRETINHA...
 PRETA, PRETA, PRETINHA...
 ENQUANTO EU CORRIA ASSIM EU IA,
 LHE CHAMAR, ENQUANTO CORRIA A
 BARCA...³
 (...)
 ABRE A PORTA E A JANELA
 E VEM VER O SOL NASCER
 (ABRE A PORTA E A JANELA
 E VEM VER O SOL NASCER)

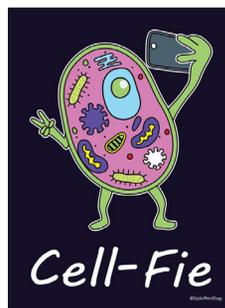


Figura 2 – Cell-fie

Fonte: Disponível em <https://twitter.com/SynBioBeta/status/1421206279863762945>

2. Esse texto foi apresentado em minha banca de promoção de carreira para professora plena na Universidade Estadual de Feira de Santana em 2019.
3. Versos da canção “Preta pretinha”, de Moraes Moreira e Luiz Galvão. Álbum *Acabou Chorare*, dos Novos Baianos, 1972.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

Sobre-vida. *Cell-fie*. Cell-free... Como a célula se liberta das denominações e delimitações conceituais da vida? Talvez produzindo *selfies*... Ou ainda permita-se ouvir a canção dos Novos Baianos vinda de fora da casa, na janela, serenata que Aninha fazia para nos acordar de madrugada para as viagens de campo... E a barca corria... A porta e a janela se abriam e as (des)memórias invadem e rememoram a década de 1980 em Rio Claro, SP, nos momentos de licenciatura em Ciências Biológicas. *Desver*. Desviar.

Para mim, a questão não é se eu sei muita ciência ou não, ou se sou capaz de aprender muita ciência. O importante é não falar besteira, é estabelecer os ecos, esses fenômenos de eco entre um conceito, um percepto, uma função, já que as ciências não procedem com conceitos, mas com funções. Quanto a isso, preciso dos espaços de Riemann. Sim, sei que isso existe, não sei bem o que é, mas isso me basta.” (DELEUZE, 2017, s/p.).

Professora de ciências e/ou biologia? Não me parecia possível, no entanto me interessava até que ponto nos deixaríamos levar, assim como Deleuze, a algo como: “*Sim, sei que isso existe, não sei bem o que é, mas isso me basta*”? Conhecer e não falar besteira seria muito diferente de conhecer para não falar besteira? O conhecimento teria que ter uma finalidade explícita de explicação e explicitação de fenômenos e fatos do mundo? E dos fa(r)dos? E nas fadas? *Fade in*. *Fade out*. Experimentar graduações espasmódicas.

Movi-mentos de rememorar. Morar em deslocamentos. São Paulo, Nova Odessa, Limeira, nasci, cresci, estudei, Rio Claro, Campinas, graduei-me em Ciências Biológicas, mestrado e doutorado em Educação. A Bahia me invade e as águas provocam enchentes. Ilhéus, Feira de Santana. Dos Olhos d’água. Nas mãos n’água. Água que escorre por corredores de cimento e areia e ferro e concreto (Ah! A concretude da realidade!) mas que, ao mesmo tempo-espaco, devém morada da Jacaroas que papeiam... (Andrade; Bastos, 2017).

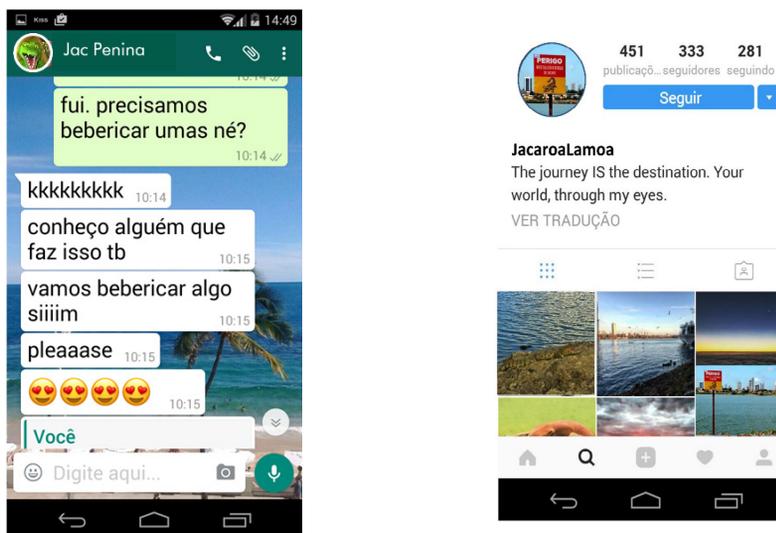


Figura 3 – Jacaroas batendo papo

Fonte: As imagens são montagens de autoria da autora do artigo, *Águas (,) escritas (.) enchentes (de) gentes...*, de Elenise Andrade e Louise Bastos (2017). Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=6937>

(Im)possibilidades de diálogos a perfurar mundos, cartas escritas por jacarés. Seriam mesmo cartas? Seriam escritas? Expressam desejos, encontros assustados em cantos de muro, aventuras em zona de risco. Cartas como “máquinas de expressão”. Passeios ansiosos em territórios desconhecidos, aparecimentos inesperados. Risco (im)preciso a rabiscar outros olhares, outros desenhos que racham o cotidiano da paisagem. Borbulhar de existências, enchente de gente e jacarés e linguagens e pensamentos. Escritos em letras desconhecidas, palavras ausentes, linhas ilegíveis que arrastam sentidos entre rios e lagoas e jacarés e peixes e pessoas (ANDRADE; BASTOS, 2017).

Memórias (des)critas por jacaroas que invadem e habitam a Lagoa Grande, em Feira de Santana, meu caminho de ida e volta para a Uefs. Pôr do sol, lua brilhando, sombras e contornos que povoam as fotografias presentes no meu celular e me provocam a pensar nos lugares preferidos que já vivi, que já imaginei, que ainda não fui. Enchentes de gentes e ruas e sensações e conhecimentos. Projetos de pesquisa que, desde Taboquinhas-BA, em 2009, se esparramam através de pesquisas, artigos, capítulos, dissertações, aulas, escolas.



Figura 4 – Cartaz do evento *O que pode um cotidiano que prolifera ao experimentar? Ex-perímetros... Ex-posições...*, Uefs, Feira de Santana, BA, 2012
Fonte: montagens a partir de fotografias da autora do texto, 2012

O que pode um cotidiano que divaga ao fabular? Com-fabulação... Ex-pressão... evento ocorrido em 2010, na Unicamp, assim como o evento descrito no cartaz acima (2012) a expressarem as relações e (des)conexões junto a dois projetos de pesquisa que me atravessaram, assim como a Uefs: “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?” e “Olhares cotidianos da certificação turismo carbono neutro: *logos* e *grafias* de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA”⁴, sendo o primeiro localizado na Unicamp (Labjor e Faculdade de Educação), enquanto o segundo foi coordenado por mim ainda na minha passagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, que se estendeu até 2011.

4. Projetos financiados, respectivamente, por MCT/CNPq – N° 478004/2009-5 e Fapesb – N° 015/2009.

Encontros intensivos com a ONG “Movimento Mecenas da Vida”⁵, que nos possibilitou pensar outros atravessamentos com a agricultura familiar, questões ambientais e sociais, histórias outras, gestos mínimos, fotografias a se espalharem pelo Rio de Contas-BA (Andrade; Camacho, 2010; Andrade, 2015; Andrade; Scareli, 2016).

Vida outra. Cotidiano outro. Olhares outros que pretendíamos fosse mais um dado para a avaliação da tecnologia social Certificação Turismo CO₂ Neutro no que tal tecnologia houvera proporcionado em suas vidas. Eis que as grafias e as luzes atravessaram qualquer vontade dos dados como registros e eles explodem em cores, texturas, cheiros. Conhecimentos e vozes em fotografias que não serão traduzidas ou interpretadas, mas com elas, produzir, compartilhar e inventar expressões dos conhecimentos, das relações entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, ambientes cotidianos. Agregar, adensar e potencializar as ações já em andamento. Sustentar-habilidades (saberes locais) por meio das relações ser humano/cultura tradicional/ambiente. Intensificação da vida em meio a tanto julgamento negativo que as periferias parecem comunicar. Ação política de resistência à pressa, à negatividade do problema como palavra-experiência-conceito. Perder a alma sem perder a calma (ANDRADE; CAMACHO, 2010, p. 11).



Figura 5 – Ensaaiando o verso – Fonte: Recortes de trechos de Andrade, 2015

Vontades em trazer esses dois projetos para apresentar como, após a defesa do doutorado em 2006, com a temática do currículo muito presente, desloco-me *quase*

5. Maiores informações em <http://www.mecenasdavid.org.br/bahia/index.php/nossas-aco-es/projetos-concluidos/olhares-cotidianos>.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

sem querer, como canta Renato Russo, para expressões, artes, pequenos detalhes sensoriais, reticências convidando a partícula *des*. (Des)ocupações, (des)enquadramentos. Nos últimos dois projetos de pesquisa com financiamento do CNPq, “Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) expressam”⁶ e “Cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações (atra)versando o conceito de signo”⁷, arriscamo-nos em experimentações, uma postura estético-política de interrogação ao que denominamos “política representacional”, manifesta na insistência em uma delimitação estrita da verossimilhança, priorizando um modelo hierarquizante de comunicação-recognition, produzindo poucas possibilidades de multiplicação de sentidos para os fenômenos, os objetos, as imagens, as escritas, a vida, o mundo. Essas pesquisas proporcionaram escritas em que apostamos em uma multiplicação de sentidos atra-*versando* imagens, focadamente fotografias, borrando a fixidez da apresentação, do registro e da veracidade das imagens através de vivências de um cotidiano (Andrade 2012, 2015, 2016).

Multiplicações que foram perpassadas por outros movimentos de pesquisas, gerando encontros por cidades, ruas e muros em expansão. “Consumo e produção cultural: experimentações estéticas, éticas e políticas entre jovens de Feira de Santana” e “Circuitos de Consumo e Produção Cultural: investigando as dimensões sociais e formativas das práticas estéticas, éticas e políticas dos jovens em Feira de Santana-BA”⁸ foram projetos desenvolvidos entre 2013 e 2015, nos quais entramos em contato com alguns coletivos de jovens da cidade e pudemos explorar as relações entre eles, suas expressões artísticas em (des)ocupações dos espaços urbanos (Iriart; Figueiredo, 2015), já vivenciando um novo grupo de pesquisa, hoje coordenado por Mirela Iriart, o Trace⁹.

Neste interstício, a exploração do conceito de signo foi a proposta no projeto de pesquisa “Cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações (atra)versando o conceito de signo”, em que buscamos uma política visual que incorporasse a imagem

6. Edital Universal CNPq, nº do processo 480745/2010-2, coordenado por mim, com desenvolvimento entre dezembro de 2010 a maio de 2013.
7. Edital CNPq, 043/2013 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, processo nº. 409115/2013-4, coordenado por mim, com desenvolvimento entre dezembro de 2013 e agosto de 2016.
8. Ambos os projetos buscam compreender as formas de expressão, de participação e de pertencimento social de jovens nos diferentes circuitos de produção, consumo e difusão culturais na cidade de Feira de Santana-BA. A principal diferença entre eles é que o primeiro tem financiamento Fapesb/Uefs, enquanto que o último foi aprovado no Edital Universal 018/2012 CNPq, sendo coordenado por professoras do mesmo grupo de pesquisa de que faço parte na Uefs, o Trace.
9. Grupo Trace, diretório de grupos da plataforma Lattes: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/9492>.

não como representação intocada de uma certa visibilidade, mas como criação de novas visualidades e visagens, na aproximação com a arte. Apostamos no entendimento de que os sentidos dos signos se encontram no “(...) fato de que a materialidade de cada um traz em seu bojo a existência de outros mundos”, trazendo a presença do diverso (NASCIMENTO, 2009); nessa presença, propusemos infestar a educação com “costumes bárbaros” (Lins, 2005), posto que “(...) o signo implica em si a heterogeneidade como relação” (NASCIMENTO, 2009, p. 21), e seu aprendizado coloca em cena a conexão de partes que não têm “relação de semelhança” entre si (Deleuze, 2003).

Ampliar as linhas e os pensamentos dos signos emitidos arriscando-nos com Deleuze e o funcionamento do diagrama quando o filósofo, ao *atravessar* a obra de Francis Bacon, propõe que o pintor, em seus quadros, desafia a figuração e a narração, aspectos que, para ele, Deleuze, são efeitos que teimam em invadir os quadros (não somente os de Bacon). Esse desafio desata fios e linhas e forças – o diagrama. Assim, experimentamos, junto a esse conceito, explorar uma movimentação gesto-corpo-signos em momentos de produção de imagens: um encontro para a produção de grafite nos muros de uma escola pública em Feira de Santana e oficinas de fotografias com alunos do ensino médio em uma escola pública em Ichu, cidades no interior da Bahia (Andrade; Almeida; Rodrigues, 2017). Momentos de experiência sensível com vontade de tensionar: o que podem as imagens quando não pretendem explicar, ilustrar, registrar as cidades?

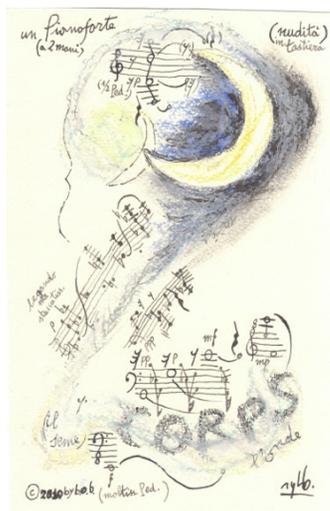


Figura 6 – *Eu nunca gostei de me limitar*

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

Eu nunca gostei de me limitar: sou ganancioso por natureza. Em todos nós há uma propulsão à ação que pode ser interminável: você é um compositor, mas também um pintor, você se torna um poeta e logo um diretor (tradução nossa)¹⁰.

Fonte do texto e da imagem disponível em: <http://www.cultweek.com/sylvano-bus-sotti-si-racconta-13-spartiti/>

“O Feira VI é como se fosse uma passarela entre dois mundos: a universidade e vários bairros periféricos que estão ali ao redor.” Kbça

[...] maneira de fazer existir um ser em determinado plano. [...] Cada existência provém de um gesto que o instaura, de um ‘arabesco’ que determina que será tal coisa. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência.” (Lapoujade, 2017, p. 15)

Passarela entre muitos mundos, muros que, grafitados, não mais separam espaços, mas possibilitam a contaminação de conhecimentos e sensações através de seus traços. Gestos de resistência que se iniciaram em setembro de 2014, por ocasião do 2º Encontro de Graffiti¹¹, que teve suas atividades concentradas nos muros do Colégio Estadual José Ferreira Pinto¹², localizado no bairro Feira VI, na cidade de Feira de Santana, o mesmo bairro onde se localiza a Universidade Estadual de Feira de Santana – Uefs.

A proximidade entre o Colégio e a Universidade foi uma das principais razões que os organizadores do evento expressaram para sua escolha: “uma abertura a mais no *lance*¹³ da Uefs, a gente nunca conseguiu fazer algumas coisas dentro da Uefs, então a gente achou que seria viável fazer esse *lance* no feira VI, no Ferreira Pinto porque aí então poderia, tipo, abrir os olhos da reitoria e de toda galera acadêmica que por ali passava”, nos disse Kbça, em entrevista de 25/11/2014, um dos organizadores do 2º Encontro de Graffiti, artista do evento, educador, tatuador de uma propulsão interminável.

10. “Non mi è mai piaciuto pormi limiti: sono ingordo di natura. In tutti noi c’è una propulsione all’azione che può essere senza fine: sei compositore ma anche pittore, diventi poeta e presto regista”.

11. Este evento ocorreu por iniciativa do Coletivo H2F, composto de artistas da cidade de Feira de Santana e região. Para mais detalhes sobre o Encontro: <http://www.facebook.com/2encontrodegraffititfsa?fref=ts>.

12. O Colégio possui cerca de mil alunos, distribuídos entre o ensino fundamental e o ensino médio (com alunos entre 12 e 18 anos). Maiores informações: http://qedu.org.br/escola/118249-ee-colegio-estadual-jose-ferreira-pinto/censo-escolar?year=2017&dependence=o&localization=o&education_stage=o&item=.

13. Queremos aqui esclarecer que mantivemos algumas expressões na fala dos artistas grafiteiros, já que são expressões presentes em seus modos de existência e de resistência às agressões e preconceitos que sofrem.

Existências em arabescos. Devaneios. Ritmos nas linhas dos grafites e dos muros e das escolas e dos sentidos e dos conhecimentos. Contornos em desmanche. Quase um trinado óptico. Um lapso de espaço. Uma fissura do tempo nos muros da escola. “Rasurar os lugares. Tornar esses lugares estrangeiros de si mesmos: aquilo que é forçado a ser também o *deslugar*, o intervalo entre aquele lugar e ele mesmo [...]” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2013 p. 207). Fronteira que é fonte. Fronte que é verso. *Atra-versar*



Muros do Colégio Estadual José Ferreira Pinto – 2014, durante o 2º Encontro de Grafite

Figura 7 – Muros em profusão

Fonte: montagens a partir de fotografias do acervo pessoal da autora, 2014, durante o 2º Encontro de Grafite, Colégio Estadual José Ferreira Pinto, Feira de Santana, Bahia.

Cidades, pixações, vazios, invasões, deslocamentos. Ocupação (im)provável como fenda. Talvez gestos, assim como essa escrita *pesquisa* em experimentação que, pretendemos, nos permita algumas rupturas, em especial, com pensamentos que levem a concretizações, centralidades e determinações seja da ciência, da arte, do tempo, da produção de conhecimento ou do próprio pensamento (ANDRADE, 2017, p. 653).

Deslugar. *Intervalar* não somente os lugares mas também os tempos e as sensações, acompanhando os conceitos de signo e diagrama, também foi a proposta do projeto de pesquisa do pós doutoramento “Provoc-ações: (des)ocupar imagens, (des)enquadrar escritas, perambular por *Bahias e Portos*”, desenvolvido sob a supervisão de Paula

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

Guerra na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, entre setembro de 2017 e agosto de 2018, quando visitamos três instituições escolares com a proposta de que os estudantes fissurassem a vontade de (re)cognição de cidades, deixando-se contaminar pela vontade de entender, sentir, explorar, inventar a cidade não apenas como cenário, mas sim como máquina produtora de signos, expressão, conhecimentos, “[...] outros modos de ver, de maquinar e de magicar” (GODINHO, 2016, p. 33). Vontade de escrever sem escritas, sem letras. Gaguejar no sentido de esgarçar de tal forma os dualismos que eles se des-com-sub-vertam em fios. Des-afiar.

Os dualismos não se referem mais a unidades, e sim, escolhas sucessivas: você é um branco ou um negro, um homem ou uma mulher, um rico ou um pobre, etc.? [...] Há sempre uma máquina binária que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formadas, já que as questões são calculadas sobre as supostas repostas prováveis segundo as significações dominantes. Assim se constitui uma tal trama que tudo o que não passa pela trama não pode, materialmente ser ouvido (Deleuze; Parnet, 1998: 29).

Em cada uma das instituições portuguesas, artefatos a (des)contar sobre o cotidiano, sobre as sensações, as andanças, os movimentos, os conhecimentos (ANDRADE, 2019). Força vital, funcionamento diagramático por entre cidades de ambos os lados do Atlântico, e, neste ritmo gaguejante, intensificar linhas, cores, luzes, sombras, estudantes, professores. Per-correr em busca de linhas escreventes, que talvez nem tenham a pretensão de serem lidas. Não procurar um trajeto narrativo, mas forças em devires. Perambulação, uma flânerie que quer abordar outros flâneurs, que caminham sem rumo...

E sub-vertem um tempo que se arrasta pelo mar azul da Bahia e aporta no Douro. *Deslugar* que salta de Ichu, no sertão baiano, para os ventos do norte português, assim como aconteceu durante as cinco oficinas decorrentes do já citado projeto “Cidades (des)enquadradas em imagens: experimentações (atra)versando o conceito de signo”, realizadas entre 2014 e 2016 no Colégio Estadual Aristides Cedraz (CEACO), em Ichu, interior da Bahia, com aproximadamente vinte estudantes do Ensino Médio. Sensações-imagens produzidas e pós-produzidas tendo um questionamento a nos perturbar: *Que Ichu desenquadra em mim?*

Oficinas-encontros onde fomos provocados, com o auxílio de várias obras artísticas apresentadas, a in-ventar imagens da cidade que transgredissem a política

da representação, para, então, possibilitar a imersão em uma lógica das sensações, pulsações de lugares recortados pelo instante de um clique sob o olhar deslocado do fotógrafo (ALMEIDA, 2015). Falas, escutas, risadas, movimentos maquínicos desterritorializando os espaços estriados das/nas carteiras, corredores, projetores, nos tempos da escola, alunos e alunas que acompanharam por dois anos os (des)enquadramentos. Ichus, Feiras de Santana, Florianópolis, Campinas, Sorocabas¹⁴ e(m) traços, cores, linhas, tecidos. Afinal, qual seria (se é que existe) o limiar entre realidade e ficção?

Como se o pensamento entrasse em um devir-mão e a mão em um devir-pensamento, nesse instante não se sabe quem é quem e aí se pudesse tornar visíveis “coisas” que noutras condições não ousariam aparecer. Talvez, então, se trate de uma nova “política” – uma micro-política – e de uma nova arte. Arte e política estão ligadas, de acordo com o que nos propomos, de forma crítica e necessária. Para lá das sensações triviais abre-se, assim, um potencial novo uso. Um novo uso das sensações, dos sentidos, das práticas e do pensamento. Novos corpos são necessários (GODINHO, 2012, p. 46).



Figura 14 – Dadaísmo, dá dá tudo

Fonte: Montagens de fotografias do acervo pessoa da autora. Poesia não publicada, mas com a permissão dos autores para aqui ser apresentada: Larissa Rodrigues Santos; José Wilson Martins Fialho Filho; Antônio Henrique Vaz Sampaio. Agosto, 2013, Feira de Santana, Bahia.

14. Essas cidades participaram desse Projeto com pesquisadores, professores de escola básica, artistas e alunos de graduação e pós-graduação da UFSC, Uniso e Unicamp.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

Corpos-pólvora, pó, poeira.

Geração, gente, gesto querendo procurar pólvora ao perguntarmos, em outubro de 2017, aos estudantes participantes desse projeto: *O que as oficinas desenquadraram em vocês? E também o que pode ter desenquadrado na escola, na maneira de fazer educação com jovens do Ensino Médio?* Percamo-nos pelas poeiras levantadas:

“O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente” (Mário Quintana). Há muito a ser observado, há vários ângulos em que podemos olhar. Só precisamos parar e ver. Rs... A pressa do dia a dia é que não nos permite. Estamos quase sempre cumprindo as obrigações, quando não, descansando para aguentar cumpri-las. Então... o ‘cidades (des)enquadradas’ foram as lentes que precisava para enxergar. Kkkk acho que posso dizer assim. (Andreissa Oliveira participou de todas as oficinas. Concluiu o 3º ano do ensino médio em 2016).

A oficina, no ano que eu participei, foi muito legal! Nós tivemos a oportunidade de pegar uma imagem e transformar em um desenho ou algo que vinha em nossa mente. Provocou um sentimento de paz, deixando nossa imaginação fluir cada vez mais que nós fazíamos nossa arte. Eu achei que foi uma maneira que a escola obteve para nos mostrar um pouco mais sobre Arte. Achei a experiência muito boa pois nós tivemos a oportunidade de conhecer uma arte legal e prática de se fazer. (Thiago Alan, estudante do 2º ano do ensino médio. Participou da última oficina com Marli Wunder)

Paz ao permitir-se imaginar; só precisamos parar e ver. Dá, dá isso quando provocamos as potências e as forças dessa impossibilidade ao afectar a educação. De que maneira um cotidiano que (se) experimenta no ar-riscar afeta o pensamento na/com a educação? Cabe-nos perturbar...

Dadaísmo, dá, dá tudo.

Há situações, é claro, que te deixam absolutamente sem palavras. Tudo o que você pode fazer é insinuar. As palavras, também, não podem fazer mais do que apenas evocar as coisas. É aí que vem a dança.

Pina Bausch, *Pina*

Et un, et deux... ensaiando o verso...

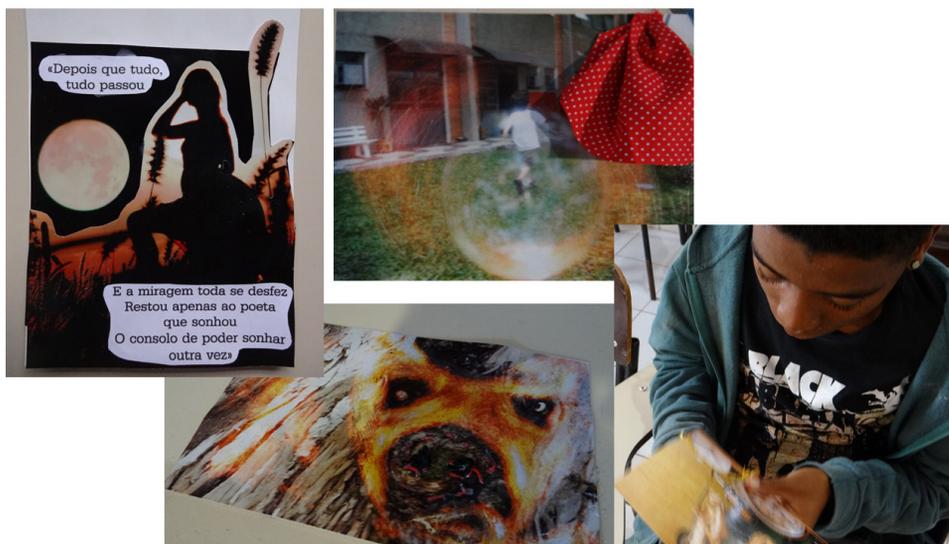


Figura 15 – Movi-ventar

Fonte: Montagens de fotografias do acervo pessoal da autora.
Dezembro de 2016, exposição no CEACO, Ichu, Bahia.

Dança, miragem, versos *in Black, in hands...* Movimentos em movi-ventos. A arte como nutrição e potência para que não sejamos formatados pelos poderes a nos censurarem os pensamentos e as sensações, expulsando palavras de ordem a pré-definir e classificar o que é passível de ser visto e admirado, em detrimento de nossas pequenas e sensíveis vivências pelos espaços e tempos que experienciamos.

Ichu, Porto, Feira de Santana, invenções, movimentos. (Des)ocupar cidades, (des)enquadrar escritas. Potência dos fragmentos em gestos em devir. Que potências outras, estéticas e políticas, surgiriam d(n)esse perambular? Quais gestos invadiriam as cidades em um devir intensivo provocado por signos a nos forçar *atravessar* o impensável; a provocar fendas no movimento maquínico da enunciação nos muros, nas ruas, nas fotografias, nas palavras, nos corpos, disparando forças criativas; a ressoar por gestos em afecção?

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

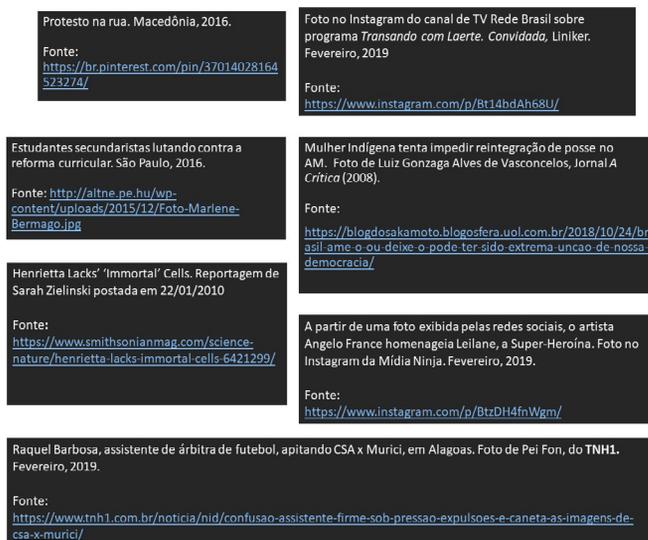
Mexo, remexo na inquisição/Só quem já morreu na fogueira/Sabe o que é ser carvão
 Eu sou pau pra toda obra/Deus dá asas a minha cobra
 [...] Porque nem toda feiticeira é corcunda/Nem toda brasileira é bunda
 Meu peito não é de silicone/Sou mais macho que muito homem
 Sou rainha do meu tanque/Sou Pagu indignada no palanque
 Fama de porra louca, tudo bem!/Minha mãe é Maria ninguém
 Não sou atriz, modelo, dançarina/Meu buraco é mais em cima...¹⁵



Figura 16 – Nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda...

Fonte: Variadas imagens compondo a Figura 16 com as fontes apresentadas logo em seguida.

15. Versos da canção “Pagu”, de Rita Lee e Roberto de Carvalho. Álbum 3001, de Rita Lee, 2000.



Remexo na rua, transo na fogueira, sou pau ocupando a rua, indigno-me no futebol, buracos em cima, em baixo, dos lados. Buracos trans-versos. Culturas, mulheres pretas professoras. Orientandas que têm me perpassado, desde 2012, e que me expulsam, constantemente, de um cansativo lugar a tentar saber se sou ou não algo ou alguém. Entre-lugar no trans-verso. Não somente *inverter*, mas desejar *verter* em rimas, restos, rostidades *desmascaradas*. Desestabilizar essa *rostidade* que quer se mostrar nos mapas como um rosto geométrico. Desmedir as potências da terra. “A máquina de *rostidade* vê e estabelece parâmetros, esquadrinha os sujeitos e os condiciona a ambientes predeterminados a partir de dados intangíveis” (CARVALHO; FERRAÇO, 2014, p. 147).

Espalho (a mim, as aulas, as escritas e(m) pesquisas) por outros conceitos e metodologias que me remexem numa fogueira de estudos principalmente focados na cartografia e nas questões interseccionais atreladas às questões de gênero e etnias. Mulheres que me habitam e se ocupam, desestabilizando e esvaziando as unidades do *si/self*, individualidades fechadas e intransponíveis entre elas e entre elas e o mundo. Movimentos intensificados por estudantes, seja nas licenciaturas da Uefs, ou nos programas especiais Pibid, Parfor e UAB. Especificamente nessas duas últimas vivências, o sertão se desloca por poros e peles e encharca as células e os pelos e os sentidos. A cidade de Pintadas com estudantes de pedagogia (UAB, 2017.1) e Itiruçu, em 2019.1 também com as futuras pedagogas.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

“Onde aprendemos sobre o mundo?” Em uma gíria, em um modo de afinar um cavaco, em um causo, em uma história de pescador. Em uma velha construção, em uma receita de bolo de fubá com erva doce, em um final de clássico entre São Paulo e Corinthians, em um bom lugar para pescar. Em uma feira, em uma rua, em uma cadeira, em um quadro, em uma celebração, em uma propaganda de um carro, em uma paisagem, em um conselho dos pais, em uma cantiga de ninar. Em um museu, em uma canção de rap. Em um trabalho acadêmico zerado por plágio. Em todas essas circunstâncias podemos aprender sobre o mundo. Elas nunca irão desaparecer, pois fazem parte da nossa vida. Essas circunstâncias nos ensinam sobre o mundo tal como aprendemos sobre a fórmula química da água. Todos esses acontecimentos nos fazem produzir significados sobre as coisas do mundo ao considerar ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento.

Vivemos no mundo em constante atividade, todos os nossos atos são acompanhados de pensamento, de reflexões sobre o observado, o sentido e o vivido. Então, necessitamos, além de viver no mundo, pensá-lo, compreendê-lo, isto é, conhecê-lo. Essa ação diferenciada de pensar o mundo e suas coisas é o movimento humano de dar significado a tudo, de compreender, da forma mais aprofundada possível, nossas relações com o mundo e com as coisas...” (Aluna da Pedagogia, UAB, Pintadas, 2017.1).

“Pró, com esses cliques e os vídeos que apresentamos descobrimos o que já conhecemos” (Aluna da Pedagogia, Parfor, Itiruçu, 2019.1).

Estudantes-pesquisadoras-professoras desmoronando um senso comum para as superfícies que pretendem fixar um reconhecimento sobre o pensamento, sobre tempos-espacos que subvertem generalizações, fixações, demonstrações, comprovações. Contaminações, acompanhando Oliveira Junior (2017) quando reflete sobre esse conceito ao tecer relevantes considerações sobre os estágios supervisionados que ocorrem nas licenciaturas brasileiras: momentos em que os alunos das graduações saem das salas de aulas nas universidades e vão ao campo, à rua, à escola, às empresas, aos hospitais, aos restaurantes.

Contágio aqui se refere àquilo que insere num corpo estranhezas que se convertem em outras possibilidades para esse corpo; àquilo que provoca desvios em pre-potências e certezas, justamente quando esse corpo – estudante – se (re)conhece, se (des)pensa, se (re)sente, se in(a)comoda, se (dessas) sossega – outro, desdobrado-transformado,

do mesmo: um corpo vivo! Todo contágio traz para/até um corpo algo de estranho que faz irromper ali outros funcionamentos, outras potencialidades que antes ali não havia: contaminações (OLIVEIRA JUNIOR, p. 136, 2017).

Corpo não delimitado pela humanidade/organicidade, mas que também se expande pela linguagem, por uma disciplina, uma graduação. Corpo como algo que fixa, territorializa, determina algo em torno de si, do outro, das relações estabelecidas com e para o mundo e a vivência (Oliveira Junior 2016; 2017). Contágios como intensivas possibilidades de fratura dessas determinações, tempos-espacos de encontros, “[...] onde os corpos estarão expostos a contaminações imprevistas, ocasionais, tão fortuitas quanto verdadeiras em sua existência como configuradoras daquele campo” (idem, 2017, p. 136). Uma atividade plagiada na disciplina, na vivência da aluna da UAB, e a subversão do sentido atribuído ao ‘conhecer’, em Itiruçu, ao *atra-versar* momentos de produção, edição de vídeos sobre a cidade (assim como assistir a todos os vídeos produzidos na classe) e descobrir o que já se conhecia. Contaminação em minas de ideias, sentidos e expressões.

Palavras?

MENI...

[...] E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes. Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. – “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” – dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: – “*Ele xurugou?*” – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: – “*Tatu não vê a lua...*” – ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só pura vida (ROSA, 2001, p. 67-68).



Figura 17 – *n...* – Fonte: Fotografia da autora. Ruas do Porto, 2017.



A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialeto pessoal e intransmissível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade (COUTO, 2013, p. 33).

Figura 18 – ... – Fonte: Fotografia da autora. Ruas do Porto, 2017.

Estórias absurdas que nos atravessam e o Oceano Atlântico e o sertão, e a certeza, e o ser... Tatu não vê a lua. Quem vê? A menina de lá? Desapareceu o artista que queria ser punk, tornou-se muito importante. Será que a professora plena está em vias desse mesmo desaparecimento? Será a menina sem palavra? Gestos, expressões, parênteses, hífens, cores, palavras a nos convidarem a uma mobilização da vida ordinária. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Ninguém entende muita coisa que ela fala...

Mundo-signo em movimento expressivo, intensivo, abrindo frestas nos modos repetitivos de produção de imagens, que também são modos calcificados de pensar a ciência, a educação, a divulgação, a cultura... *Des-a-costumes...* Cultura como um costume que se choca com um mundo inventado, ficcionado, fabulado, pois é preciso se des-a-cos-tumar para conviver (ANDRADE; SCARELI, 2016).

<https://vimeo.com/64062017> (senha: anped)

SWEET DREAMS ARE MADE OF THIS/WHO AM I TO DESAGREE?¹⁶

Precisaríamos saber de que são feitos os sonhos para sonhar? *Who am I to disagree?* Quem sou eu para dis-cordar? Cordas? Fios? Arabescos encadeadores de palavras? Escritas... Ex criptas...

Se aquilo que nos damos a pesquisar passa necessariamente pela casa, pelos fazeres cotidianos, como escrever o que precisa ser escrito quando estamos geograficamente longe de casa, e tudo que carregamos é a saudade do que deixamos, a tristeza do que perdemos, e o medo do que vem pela frente?

Escreve-se então para construir uma casa, uma casa que é, ao final, a própria escrita. Reúne-se, para isso, toda sorte de materiais: cores, humores, amores, saudades, dores. Escreve-se com eles, mas é por força de frequentá-los que se cria a escrita que nos serve. Mas se para escrever é preciso deixar a casa que se tinha, é preciso também inventar a casa que não se sabia.

Assim, o que se escreve não precede aquilo com o que e para que se escreve.

Por isso, o acompanhante de escrita não acompanha o que se escreve, mas o encontro com aquilo que torna a escrita possível.

Ana Godoy, postagem em 05-02-18, perfil do *facebook*

PELA ESTRADA AFORA EU VOU BEM SOZINHA/LEVAR ESSES DOCES PARA A
VOVOZINHA
ELA MORA LONGE E O CAMINHO É DESERTO¹⁷

Morar, abandonar, ir sozinha, *inventar a casa que não se sabia*. Des-morar. Demorar em percursos improváveis. “Experimentei o amarelarte e o filosoazul provocando tons sem fim de verde em mim” (MARQUES, 2010, p. 88). Matizes em via(gens) por escritas que perfuram e sub-vertem-se em potências artísticas desafiando arrastar o pensar com a arte para os funcionamentos e(m) educação. Desfiar em desafios os contornos da escrita em vias de viajar. Viagem pelas intensidades. Como já *ex-cre-via* a menina: ter vontade de não palavrear não é emudecer, assim como não querer escrever memórias não é esquecer.

16. Versos da canção “Sweet dreams (Are made of this)”, de Eurythmics. Álbum *Sweet dreams*, Eurythmics, 1983.

17. Cantiga de Chapeuzinho vermelho de autoria de João de Barro.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. (2015) *Meios sem fim*: notas sobre a política. Trad. Davi Pessoa Carneiro. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- ALMEIDA, E. C. Que Ichu (des)enquadra em mim? *Alegrear*. Curitiba, n. 16, 2015. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/revista16/pdf/sessao15_que_ichu_alegrar16.pdf. Acesso em: 05 set. 2017.
- AMORIM, Antonio Carlos R. Escola e Cultura: (des) memórias. *Experiment-Art*, Belém, ano 1, n. 1, jul./dez. 2015
- ANDRADE, Elenise C. P. D(ex)sloc-ar. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 30, n. 59, p. 86-100, nov. 2012. Disponível em: <http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/25/25>.
- ANDRADE, Elenise C. P. Sinfonia em AR menor: transversAR, (des)cartAR, ex-pressAR. *Remea*, v. especial, n. 20, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4848>.
- ANDRADE, Elenise C. P. Ocupações (im)prováveis: que cidade devém? *Revista ETD*, v. 18, n. 3, p. 651-669, 2016. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8644678>.
- ANDRADE, Elenise C. P. Cidades, gestos, imagens em provoc-ações. In: GUERRA, Paula; DABUL, Lígia (Ed.). *De vidas artes*. Universidade do Porto: Porto, Portugal, 2019. p. 212-227. Disponível em: <http://paulaguerra.pt/arquivo/979>.
- ANDRADE, Elenise C. P.; ALMEIDA, Edivan C.; RODRIGUES, Milena S. Graffiti, street, delirium: arts defiances. In: COSTA, Pedro; GUERRA, Paula; NEVES, Padro S. (Ed.). *Urban intervention, street art and public space*. Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa; Instituto de Sociologia da Universidade do Porto: Porto; Street Art & Urban Creativity, 2017
- ANDRADE, Elenise C. P.; BASTOS, Louise M. Águas (,) escritas (.) enchentes (de) gentes... *ClimaCom*, Campinas, Dossiê Carta e Cataclismas, ano 4, n. 8, 2017. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=6937>.
- ANDRADE, Elenise C. P.; CAMACHO, Marcelly. Arte dos problemas e/ou problemar(-)te. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, IV., 2010. *Anais...* Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_10/e10-o8.pdf.
- ANDRADE, E. C. P.; ROMAGUERA, A. (2011). Sonhar-te e(m) vidas. (Des)narr-ar... *Revista Rua*. 17(1). Acedido em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638311>.
- ANDRADE, E. C. P.; ROMAGUERA, A. (2012). Currículos versam escritas(-)pesquisas.
- ANDRADE, Elenise C. P.; SCARELI, Giovana. Signos irrompem e atravessam: pela estrada afora eu vou bem sozinha com meus *sweet dreams*. In SCARELI, Giovana. FERNANDES, Priscila C. (Org.). *O que te move a pesquisar?* Ensaio e experimentações com cinema, educação e cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.
- CARVALHO, Janete M. C.; FERRAÇO, Carlos Eduardo. A rostidade da figura do professor e do aluno por entre os muros da escola: docência e práticas curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, v. 14, n. 3, p. 143-159, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol14iss3articles/carvalho-ferraco.pdf>.

- COUTO, M. A menina sem palavra. In: COUTO, M. *A menina sem palavra*. São Paulo: Boa Companhia.
- Currículo sem Fronteiras*, 12 (3), p. 153-172.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. (1998). *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Trad. Roberto Machado (Coord.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- GODINHO, A. As probabilidades desiguais de Francis Bacon. *Revista Poiésis*, Niterói, n. 20, p. 45-55, dez. 2012. Disponível em: www.poesis.uff.br/PDF/poesis20/04.pdf. Acesso em: 05 set. 2017.
- GODINHO, Ana. Máquinas anômalas e nômadas: do que ainda não existe ao que já não existe mais. Ou do que já não existe mais ao que ainda não existe. In: ROMAGUERA, A.; AMORIM, A. C. (Org.). *Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...* p. 27-36. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.
- IRIART, Mirela F.; LARANJEIRA, Denise. H. P. Jovens mobilizadores culturais na cidade de Feira de Santana-BA: uma micropolítica das margens. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED, 37, 2015, Florianópolis. *Anais...* Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gto3-4360.pdf>.
- LAPOUJADE, D. (2017). *As existências mínimas*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições.
- LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005.
- MARQUES, Davina. *Experimentações: deleu-guata-roseando a educação*. 2007. 92p. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3vPtXmo>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- NASCIMENTO, Roberto. *Deleuze y Proust: subjetividad y pensamiento disparatados por signos*. 2009. Disponível em: <http://alcances.cl/ver-articulo.php?id=89>.
- OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. (2016). Emancipar a cartografia escolar? – duas miradas e múltiplos possíveis. In: AGUIAR, L. B.; SOUZA, C. O. (Org.). *Conversações com a cartografia escolar: para quem e para que*. p. 145-163. São João del Rei: Editora da UFSJ.
- OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. (2017). Encontros em zonas de fronteiras: contaminações entre estágio supervisionado e linguagens. *Leitura: Teoria & Prática*, 35(69), 133-147. Retrieved from: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/564/369>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado. A rasura dos lugares – fragmentos espaciais re-existent em vídeos. In: GALLO, Silvio; NOVAES, Marcus; GUARIENTI, Laisa Blancy Oliveira (Org.). *Conexões: Deleuze e políticas e resistências e...* Petrópolis: DP&A; Campinas: ALB; Brasília: Caés, 2013.
- RANCIÈRE, J. *O destino das imagens*. Trad. M. C. Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- ROSA, João G. A menina de lá. In: ROSA, João G. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

(Des)lembrar-se e(m) gestos OU A menina...

SOBRE A AUTORA

Elenise Cristina Pires de Andrade é professora plena do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Bahia. Faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da mesma universidade. Atua junto aos grupos de pesquisa Gefi (Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem, Universidade Federal de São João del-Rey) e Trace (Grupo de Pesquisa Trajetórias, Cultura e Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana). Tem mestrado e doutorado em Educação pela Universidade de Campinas e pós-doutorado pela Universidade do Porto, Portugal. Interessa-se por e pesquisa os seguintes temas: educações com/nas imagens junto aos conceitos da filosofia da diferença; educações nas/com as ruas e as questões decoloniais afro-diaspóricas e de gênero.

E-mail: elenise@uefs.br.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8123-6362>.

Recebido em 09 de setembro de 2021 e aprovado em 05 de dezembro de 2021.